



MENEZES, Sezinando Luiz. **Antônio Vieira**: o império do outro mundo e o império deste mundo. Maringá: Eduem, 2015, 131p.

André Rocha Cordeiro *

Antônio Vieira (1608 – 1697), padre jesuíta, insigne orador e escritor, é o tema do livro *Antônio Vieira: o império do outro mundo e o império deste mundo*. Seu autor, Sezinando Luiz Menezes, é professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), o autor é também líder do Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP/UEM) e membro do grupo de pesquisa DEHSCUBRA. Autor de vasta produção acadêmica, Menezes, na introdução do livro, afirma que seu interesse por Vieira teve início durante seu mestrado na USP e permanece como uma das temáticas que lhe desperta a atenção.

O objetivo da obra é realizar a análise das relações entre as ações de Vieira no mundo dos homens e sua concepção do mundo de Deus, na qual Portugal teria o papel importante de universalizar o cristianismo. Menezes divide sua obra em quatro capítulos, além da introdução, conclusões finais e referências. Importante

Resenha recebida em 29 de dezembro de 2015 e aprovada em 16 de março de 2016.

* Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). País de origem: Brasil.
E-mail: andrerochacordeiro@hotmail.com

salientar que a referida obra pretende, também, dar continuidade às discussões tecidas anteriormente no livro *Padre Antônio Vieira, a cruz e a espada*, publicado no ano 2000 pela Editora da Universidade Estadual de Maringá (EDUEM).

No primeiro capítulo, intitulado *O jesuíta e o sapateiro: de regno de Christi in terris consumatto*, Menezes preocupa-se em elucidar a concepção de “Quinto Império”, presente nos escritos de Antônio Vieira – concepção que coroava uma longa tradição portuguesa sobre tal crença. Deste modo, o autor afirma sua pretensão de demonstrar como as ideias do jesuíta se fizeram expressão do seu contexto histórico. Aquele período foi de fato marcado por grande efervescência de utopias e de crenças milenaristas e se observa na imaginação do homem moderno a presença de concepções apocalípticas.

Conforme Menezes, no caso português, o milenarismo juntamente com o messianismo deu origem ao Sebastianismo. O Sebastianismo foi a crença no retorno do monarca D. Sebastião, desaparecido em Alcácer Quibir (1578), e que ganhou maior proporção diante da possibilidade da união das Coroas portuguesa e espanhola (1580-1640). O autor informa que, justamente nesse período, foram escritas as trovas do sapateiro troncoso, Gonçalo Annes – conhecido como Bandarra.

As trovas de Bandarra tornaram-se populares e ganharam proporções diante de interpretações “proféticas” do retorno de D. Sebastião, o “encoberto”, e do emergir do “Quinto Império”, que seria o Português. O “Quinto Império” sucederia os quatro impérios bíblicos (Assírio, Babilônico, Grego e Romano). Todavia, ele se diferenciaria dos demais por ser não apenas dos homens, mas também de Deus na Terra (p. 26). Ao reinterpretar os escritos de Bandarra, Vieira se apresenta como o principal defensor das concepções do “Quinto Império” e do monarca “encoberto”.

Sezinando Menezes afirma que, tanto os escritos de Vieira quanto os de Bandarra são expressões de concepções religiosas presentes e que permeiam a sociedade portuguesa. Essas ideias se faziam presentes no período das navegações.

Acreditava-se que através das navegações e dos agentes de Deus, os portugueses, o cristianismo seria difundido e todos se tornariam homens fiéis a Cristo. De acordo com Menezes, a “expansão do comércio e o combate ao infiel compõem uma mesma luta” (p. 33), não havendo separação entre sagrado e profano. Para a Coroa “não havia uma hierarquia, aliás, não havia sequer uma distinção entre expansão da fé e a busca do ‘proveito’, que eram consideradas expressões distintas da ação de Deus por intermédio dos portugueses” (p. 37).

Menezes salienta que a crença na ação divina estava presente desde as origens do Reino de Portugal, com o Milagre de Ourique (1139), e fora enfatizada com as navegações e expansão do cristianismo ao Novo Mundo. Acreditava-se que Portugal fora escolhido para ser a sede do “Quinto Império” e para universalizar o cristianismo.

No capítulo intitulado *Sobre cometas e arco-íris*, Sezinando Menezes tece observações sobre o desenvolvimento do conhecimento natural e das ideias teológicas, especialmente diante das teorias de Copérnico (1473-1543) e de Galileu (1564-1642). De acordo com o autor, Vieira não permaneceu alheio a tais conhecimentos, mesmo que em seus escritos os fenômenos naturais sejam trabalhados de forma ambígua: ora relacionados com questões bíblicas e de fé, ora relacionados com questões da filosofia moderna.

Criados por Deus, os cometas eram para Vieira mensageiros divinos, realizando missão semelhante àquela dos profetas. A intensidade, o formato, a duração, a cor, o brilho, a intensidade e a velocidade eram considerados características a serem interpretadas. Em suma a passagem de um cometa era uma mensagem a ser interpretada ou resposta a ser oferecida, podendo ser boa ou má. Vieira observava nos cometas mensagens e respostas às questões sociais, econômicas e políticas.

Em relação ao arco-íris, Vieira demonstra ser conhecedor das teorias de refração da luz, de Descartes (1596 – 1650), ao afirmar que os arcos coloridos, que

se formam nos céus, são luz e água. Para Vieira esses novos conhecimentos (sobre cometas e arco-íris) só foram possíveis com a modernidade, sendo que as navegações trouxeram novas possibilidades de conhecimento.

De acordo com Sezinando Menezes, Vieira acreditava que cada geração possuía possibilidades diferentes do saber, sendo que os homens modernos (do presente de Antônio Vieira) possuíam um saber distinto dos filósofos da Antiguidade. Possuíam um novo saber. Os novos saberes e os novos conhecimentos sobre os estudos da natureza não eram antagônicos aos das Escrituras. Eles tinham em vista auxiliar na interpretação das mensagens divinas. Menezes enfatiza, desse modo, que para o período de Vieira ciência e religião não eram dissociadas, particularmente no contexto português (p. 64).

Homem de ação, Antônio Vieira se utilizou das armas que possuía maior manejo: a oratória e a escrita. Dentre as ações combativas à qual se propôs lutar, Sezinando Menezes destaca: a luta em defesa dos indígenas, a luta contra a perseguição inquisitorial aos cristãos-novos e contra a escravidão do africano (p. 71). Estas duas últimas empreitadas são as temáticas norteadoras do capítulo *O império deste mundo*.

Menezes afirma que no início do Período Moderno “a escravidão, embora constatada, não era contestada e sequer era objeto de reflexão” (p. 72). Contudo, em meados do século XVII verificam-se transformações em tais ideias, que por sua vez são expressas nos sermões do Rosário de Vieira. Nestes, a escravidão é objeto de reflexão, porém não é contestada. Sezinando Menezes salienta que seria anacronismo compreender Antônio Vieira como “protoabolicionista”, pois o fim da escravidão não era questão do seu tempo. Mesmo relatando as barbaridades e violências da escravidão não a questionou, mas antes buscou oferecer explicações aos ouvintes e leitores.

Em uma colônia marcada pela religiosidade e pela oralidade, os sermões de Vieira explicavam a escravidão como fogo de libertação, milagre possibilitador da

conversão, e vivência de Cristo. De acordo com Menezes, para Vieira, “os escravos nos engenhos eram imitadores de Cristo, e seu sofrimento os aproximava ainda mais de Deus” (p. 79).

Nas concepções de Vieira, a escravidão negra era apenas a do corpo, pois a alma não era escrava. Ao não levantar questionamentos à escravidão, Antônio Vieira expressa suas concepções de salvação e de mundo. As concepções salvacionistas legitimavam a escravidão, a expansão colonizadora portuguesa e o comprometimento com a manutenção da produção. Menezes afirma que tais ideias e comprometimentos fizeram com que Vieira subordinasse “a alma ao corpo, a fé ao trabalho e as necessidades de conversão às necessidades da produção mercantil” (p. 87).

Diante das invasões holandesas ao nordeste brasileiro, Vieira expressa sua preocupação com a colônia, que então perdia sua região economicamente mais rica. Para além das invasões, os conflitos com a Espanha traziam grandiosos dispêndios para Portugal. O cenário português era de profunda crise econômica. Sezinando Menezes enfatiza que o fator econômico, no referido período, era as bases para o poder econômico, político e militar, de modo que a crise vivenciada trazia grande ameaças a Portugal.

Com a expulsão dos judeus do território português, ocorrida em 1497, a situação econômica tem modificações, haja vista que esta população possuía peso em questões econômicas. Os judeus convertidos, chamados *cristãos-novos*, eram perseguidos pela Inquisição Portuguesa, criada em 1536, por práticas consideradas judaizantes.

Diante de tal situação, Vieira tece críticas à Inquisição para que seus procedimentos fossem alterados. Conforme aponta Menezes, Antônio Vieira não tinha a intenção de acabar com a Inquisição, pois acreditava no papel de defesa da fé desempenhado por essa instituição; e esta era expressão dos desejos, crenças e vontades da maioria dos portugueses.

Antônio Vieira, segundo Menezes, em suas cartas orientava que Portugal seguisse outras nações, no que se relacionava aos judeus e aos cristãos-novos, para que desse modo não fossem afetadas as questões econômicas. De acordo com o autor, “um dos principais objetivos de Vieira era dotar o Estado dos recursos necessários para enfrentar os grandes problemas da restauração e consolidar a Monarquia portuguesa” (p. 97).

No último capítulo, intitulado *Fé e negócios*, o autor discorre acerca de como se construíram as ideias e relações entre religião e economia na Colônia. Segundo Menezes, se por um lado questões do conhecimento e do saber com relação à natureza se transformavam em um ritmo acelerado, o mesmo não ocorria com as estruturas mentais do homem moderno. Estas últimas mudaram mais lentamente que as técnicas produtivas. Na mentalidade do homem português, a religião dava suporte e significado a muitas das ações cotidianas. A cultura religiosa predominava na sociedade portuguesa.

Sendo português e clérigo, Antônio Vieira comunga das ideias presentes na sociedade portuguesa e suas obras expressam tais concepções. Entretanto, Vieira é um homem que viveu e partilhou de experiências na colônia – colônia essa que produziu “novas relações sociais, novas formas de vida, novas mentalidades” (p. 108), e produziu um novo homem, que por sua vez se distinguia daquele homem do reino.

De acordo com Sezinando Menezes, embora os jesuítas não tivessem a intenção de administrar bens materiais, diante das dificuldades encontradas na Colônia, tal empreitada não pode ser evitada. As doações, esmolas e dotações régias eram insuficientes, e desse modo os padres gradualmente adentraram nos mundos dos negócios, sendo o maior exemplo o jesuíta Antonil. Vieira, ao almejar o “Quinto Império”, expressa concepções dos jesuítas que se envolveram com o mundo dos negócios; mesmo com ideias de uma sociedade sacralizada, apresentava uma racionalidade típica do homem moderno.

Em suma, Antônio Vieira foi um homem que expressou as ideias portuguesas de povo escolhido por Deus e de futuro glorioso. No tempo desse jesuíta, o milenarismo e o messianismo atingiram o seu auge e o seu declínio. De acordo com Menezes, com a morte de Vieira também o sonho português do “Quinto Império” é sepultado. Os escritos de Vieira apresentam referências a inumeráveis traços do mundo dos homens, o Império deste mundo, e a aspectos de suas concepções de Mundo de Deus, o Império do outro mundo – o mundo almejado pelo ilustre jesuíta. Por fim, o autor indica que, mesmo após anos de estudos e pesquisas sobre Antônio Vieira, o debate sobre os aspectos abordados em seu livro não se esgota, o que motiva, assim, novas pesquisas, novos olhares e novas abordagens.